

Uma Leitura Simbólica do Futebol

Héris Arnt*

**Do Depto. de Jornalismo
da FCS/UERJ
Doutora em Sociologia
pela Universidade Paris V
- Sorbonne*

A sociologia do futebol é absolutamente indispensável para quem pretende estudar o Brasil. Neste artigo, faremos uma análise da Copa do Mundo de Futebol, a partir do cruzamento das teorias de Michel Maffesoli e Roger Caillois, que oferecem uma pista de interpretação ao fenômeno de adesão de todos os brasileiros ao evento.

Nenhuma nação se funda sem mitos que a sustente. Os símbolos — artificiais ou não — criam sentimento de singularidade e possibilitam a coesão interna e a sobrevivência dos sistemas. Maffesoli define esta força interior, que une e agrega as pessoas, como **força imaginal**. No caso das nações heterogêneas como o Brasil, formadas por povos de diferentes origens, sem um imaginário simbólico que os identifique e os una, não há possibilidade de coesão. É a partir deste ponto que nós queremos analisar o futebol no Brasil, ou melhor, a força de adesão que a Copa do Mundo cria.

O jogo reproduz em micro-escala o fundamento da civilização, que é a convenção e o respeito à convenção, sem a qual haveria um retorno à barbárie. O princípio do jogo é o arbitrário. O homem vive através do esporte uma experiência positiva com o arbitrário. Para Roger Caillois, o jogo é o espaço privilegiado onde o homem aceita as convenções. Diante do aleatório da existência só há duas saídas, a aceitação das regras e convenções

ou a queda à barbárie. Na relação jogo/convenções está implícito o processo civilizatório. O que realmente está em jogo na adesão incondicional de todos os brasileiros à Copa do Mundo é a experiência positiva com o aleatório e a segurança de que a regressão à barbárie pode ser evitada, e tudo isto dentro de um clima de alegria e de prazer, aspectos fundamentais no jogo.

Nossa análise não é sobre o futebol propriamente dito, mas uma leitura da Copa do Mundo a partir da necessidade de coesão, de respeito à regra e afirmação positiva do acaso. Deter-nos-emos na análise de dois mitos que sustentavam e singularizavam o Brasil, e de como eles ainda estão presentes no futebol: o mito da cordialidade do povo brasileiro e o da democracia racial. Se estes dois mitos hoje não se sustentam mais, desfeitos pelo próprio processo de desintegração da sociedade, o futebol — particularmente a Copa do Mundo — torna-se o espaço simbólico em que o mito perdura, o que quer dizer o lugar em que o projeto de nação mostra-se viável e possível. O conhecimento intuitivo que os brasileiros têm de que a Copa do Mundo é uma coisa realmente importante para o Brasil, confirma-se através de uma sociologia que valoriza o imaginário simbólico nas relações sociais. Não querendo sair da análise propriamente sociológica permito-me, no entanto, uma hipérbole literária: é a nação, ou a idéia de nação que se resgata e se salva a cada Copa.

Para Michel Maffesoli a vida social está fundada numa força interna de coesão, a **força imaginai**. Esta força de coesão é imaterial e é o que permite a construção social e a legitimação política. Esta mesma idéia aparece em Max Weber na noção de «dominação legítima», em Machiavel na idéia de «Virtude», ou em Boécio quando fala na «servidão voluntária». Esta adesão aos sistemas políticos não está presente somente nos sistemas de

dominação carismática, mas está por trás de qualquer sistema, inclusive os racionais. É a aceitação geral de um certo número de normas, de códigos e princípios abstratos, não normatizados, que legitima a existência coletiva. Estas normas são tão importantes para a coesão das sociedades racionais modernas, como a magia e os mitos fundadores para as nações primitivas.

Simplificando, é a idéia que a sociedade faz dela mesmo, que dá coesão interna, legitima o sistema político e viabiliza a nação. O termo nação é aqui utilizado no sentido de uma formação heterogênea, muitas vezes artificial, política no senso estrito da palavra. E aparece como o oposto da comunidade formada pelos iguais (mesma etnia, mesma língua, mesma cultura). Na idéia de nação existe sempre, na base, uma vontade de todos os seus membros de a comporem como tal. Evidentemente que tem nações mais homogêneas do que outras mas é próprio da nação a heterogeneidade. Países com o Brasil, ou como os Estados Unidos, formados por um amálgama muito diversificado de culturas, a própria existência depende da força de aceitação interna. Existe um aspecto imaterial que une e viabiliza estas nações, que só o aspecto político-econômico não explica.

Entre os aspectos imateriais considerados por Maffesoli a paixão é um deles e tem um papel fundamental na vida social. Ansart, em seu livro *Gestion des passions politiques* enfatiza este aspecto e define o poder como a arte de gerenciar as paixões. É neste aspecto que a Copa do Mundo assume seu caráter emblemático — o exercício da paixão coletiva como força agregadora.

Nós não pretendemos aqui dizer que as estruturas de poder e o econômico não sejam importantes na construção da sociedade. Nós pretendemos, no entanto,

O conhecimento intuitivo que os brasileiros têm de que a Copa do Mundo é uma coisa realmente importante para o Brasil, confirma-se através de uma sociologia que valoriza o imaginário simbólico nas relações sociais.

É neste aspecto que a Copa do Mundo assume seu caráter emblemático — o exercício da paixão coletiva como força agregadora.

O estudo do sistema imaginário que está por trás dos atos e ações dos grupos sociais, permite a compreensão de fenômenos sociais, como a paixão pela Copa do Mundo.

relativizar esta visão (mesmo porque os sistemas nem sempre são calcados no desejo do povo) e mostrar que há uma esfera do não racional que permite a coesão interna do corpo social independente dos sistemas. É esta dimensão simbólica que Maffesoli chama de **força imaginal**. Os ditadores eficientes conseguem administrar este imaginário simbólico em benefício próprio. O governante, em qualquer sistema que seja, «cristaliza a energia interna da comunidade, mobiliza a força imaginal que a constitui como tal, e assegura o bom equilíbrio entre o sistema e o meio. Evidentemente esta é uma atitude que encontra seu apogeu nos sistemas de poder carismático, mas que exprime-se também na racionalidade e no funcionamento da burocracia.» (Maffesoli: 1992, p.35)

O estudo do sistema imaginário que está por trás dos atos e ações dos grupos sociais, permite a compreensão de fenômenos sociais, como a paixão pela Copa do Mundo. É sobre este aspecto que a idéia de «democracia racial» e da «cordialidade do povo brasileiro», que propusemos no início deste artigo, nos parece pertinente. Se nem a democracia racial nem a cordialidade eram verdadeiras, a crença nelas singularizava e conferia à brasilidade seu caráter civilizacional. A identidade nacional se formava a partir destes postulados. Evidentemente que eles não eram os únicos, pode-se ainda falar de um imaginário de país continental e suas variantes de o maior do mundo e o melhor do mundo e do país do futuro etc. Estes ainda resgatáveis, visto que não foram inviabilizados de forma tão absoluta pela crise social em que o país mergulhou. Um outro imaginário emblemático que entrou em curto-circuito face aos últimos acontecimentos institucionais que o país viveu, é o que Jurandir Noronha batizou de a lei do Gerson. E que é a qualidade negativa, de ter um «jeitinho» para

tudo, e sempre levar vantagem, que até bem pouco tempo ainda era orgulho nacional.

Se estes dois aspectos — o da democracia e o da cordialidade — nunca foram verdadeiros, a crença neles favorecia uma atitude positiva em relação ao país e às possibilidades de atingi-los. O próprio sentimento de identidade nacional passava pela maior ou menor aceitação desta convicção. Estes aspectos da sociabilidade tendo sido excluídos da vida social continuam, no entanto, vivos no futebol. No espaço do futebol, no momento do jogo, principalmente na Copa do Mundo, o imaginário do país cordial e da democracia racial se realizam. O futebol resgata uma idéia que nós fazemos de nós mesmos, que a prática social do dia a dia contraria e desmente, mas que continua latente como potencial. Esta é uma das apostas que se faz em cima da Copa do Mundo, a de uma democracia possível e da cordialidade reencontrada. E tudo realizado no âmbito da paixão, e do prazer que a competição esportiva oferece.

Agora nos falta fazer o cruzamento com as idéias de Roger Caillois, na sua análise sobre os jogos, para mostrar como o imaginário simbólico se reproduz no espaço da competição esportiva. No jogo, o homem afasta-se do real para viver sob a égide de regras fixas, aceitas e delimitadas. «O terreno do jogo é separado com tanta rigidez (estádio, pista, ringue, tabuleiro) para ficar bem claro que se trata de um espaço privilegiado, regido por convenções especiais em que os atos não têm sentido senão neles mesmos. Fora desse espaço, bem como antes e depois da partida, não nos ocupamos mais dessas regras aceitas voluntariamente. O exterior, quer dizer a vida, é comparativamente um espécie de selva, de onde podem vir mil perigos.» (Caillois. 1950, p.212). O antropólogo Roberto da Matta, autor de *Antropologia do óbvio*, entre outros livros, analisa o futebol e diz que este esporte teve,

No espaço do futebol, no momento do jogo, principalmente na Copa do Mundo, o imaginário do país cordial e da democracia racial se realizam.

no Brasil, importante papel democratizador, levando os brasileiros a obedecerem regras fixas, disciplinando as massas. O jornalista esportivo Mário Filho que escreveu em 1947 o livro *o Negro no Futebol Brasileiro* deixa pistas para este tipo de interpretação.

Depois deste parêntesis retomamos Caillois, e sua divisão dos jogos em quatro tipos diferentes, se bem que apareçam mesclados em um grande número de jogos: os de competição (em que estão incluídas as competições esportivas), os de azar, os de simulacro e os de vertigem. Ele atribui ao jogo o caráter absolutamente humano, que não remete ao transcendente, apesar de muitos jogos terem origem sagrada, como por exemplo os jogos de máscaras. Neste ponto ele se afasta de Huizinga que identifica o jogo com o sagrado. Por uma questão de limite de espaço nos deteremos no aspecto do acaso, no que diz respeito às competições esportivas. O espectador vive, diante de uma competição esportiva, a experiência positiva com o acaso e o aleatório. Por mais que a técnica esportiva tenha desenvolvido esquemas estratégicos e preparo físico dos atletas, todo o jogo tem um componente de risco e de sorte, de aleatório ou não se trataria de jogo. No espaço do jogo o homem tem a oportunidade de lidar com a experiência concreta do aleatório, do acaso, do não lógico da existência humana. O acaso e o respeito à regra aparecem assim como fundamentais numa competição esportiva. O esporte não é outra coisa senão um conjunto de regras normatizadas em um momento dado, e aceitas voluntariamente por seus adeptos. E para mostrar que o acaso e o aleatório são intrínsecos à competição esportiva, no jogo em que o Brasil se sagrou campeão na última Copa do Mundo, a vitória foi por pênaltis, quer dizer o aleatório dentro do aleatório do jogo. O homem tem um conhecimento empírico do aleatório da vida

O esporte não é outra coisa senão um conjunto de regras normatizadas em um momento dado, e aceitas voluntariamente por seus adeptos.

humana e de sua finitude. Só o respeito às convenções podem impedir uma queda à barbárie. «O jogo é sem dúvida o único espaço onde o homem pode fazer uma experiência positiva do arbitrário puro, e dentro do prazer e do lúdico. E por esta razão sua função é essencial» (Rieusset, p.68). Na verdade se o arbitrário não pudesse ser confrontado e assumido como tal, só duas alternativas restariam à sociedade: a saída religiosa que fornece o conteúdo transcendentes que nega o aleatório na ilusão de um antes e um depois da existência humana; ou numa regressão à barbárie, que é a ausência de qualquer convenção.

A experiência com o jogo é fundamental na aceitação do acaso. O aleatório da existência pode ser aceito de forma positiva pelo respeito às regras e às convenções. Neste ponto chegamos à questão mais importante na teoria dos jogos de Roger Caillois. Os jogos pertencem tão somente à esfera humana (não tem valor transcendental) e combinam as idéias de liberdade, de limite e de invenção com a vontade de ganhar, utilizando-se o máximo da potência. O jogo é o espaço simbólico da experiência positiva com o arbitrário, onde o jogador e o espectador, no caso dos esportes de competição, encontram uma resposta positiva à convenção e à regra.

Caillois ao fazer uma sociologia do jogo estabelece sua relação com o político e com o gerenciamento das regras sociais. Ele não faz apenas um estudo descritivo antropológico das crenças e condutas humanas, mas procura entender questões fundamentais tais como «sobre a ordem estabelecida, sobre o poder concedido por uns e usurpado por outros, sobre as tensões que permitem as condições de equilíbrio para a manutenção da ordem; questões sobre a desordem social provocada, do poder denunciado por uns e arrebatado por outros,

Caillois ao fazer uma sociologia do jogo estabelece sua relação com o político e com o gerenciamento das regras sociais.

pelas próprias condições de um estado transitório, confuso e violento, que arruína qualquer equilíbrio, para se vislumbrar enfim o anúncio de um novo renascimento, de uma nova ordem salvadora «(Joron, p.106).

A partir desta análise do jogo de Caillois podemos levantar alguma hipóteses sobre a Copa do Mundo e a força simbólica que ela assume dentro da sociedade brasileira e que é muito mais sutil do que uma simples leitura de mobilização do sentimento nacional. Por trás da adesão incondicional de todos os brasileiros à Copa do Mundo encontramos esta necessidade de ordem, de respeito às regras, de experiência positiva com o arbitrário. Tanto maior é a adesão quanto maior é a tensão diária a que estamos expostos à arbitrariedade política, institucional, devastadora e que atinge todas as instâncias da sociedade e do poder. A cada Copa do Mundo adia-se o retorno à barbárie e um projeto civilizatório mostra-se, se não viável de imediato, ao menos potencial.

BIBLIOGRAFIA:

- Caillois, Roger. *Les jeux et les hommes*. Folio/ Gallimard, 1967, Paris
- _____. *L'homme et le sacré*. Folio/Gallimard, 1950, Paris.
- JORON, Philippe. *Entre fête et pouvoir: le spectre de la dépense*. In *Cahiers de l'imaginaire*, nº. 8, 1992, Ed. L'Harmattan, Paris
- MAFFESOLI, Michel. *Aux Creux des apparences*. Plon, 1990, Paris
- _____. *La Transfiguration du Politique*. Grasset, 1992, Paris.
- RIEUSSET-LEMARIÉ, Isabelle. *La jouissance ludique et l'arbitraire*. In *Cahiers de l'imaginaire*, n. 8, 1992, Ed. L'Harmattan.